

**A FRUTEIRA DE CRISTINO PIMENTEL: BOEMIA E BOEMIA LITERÁRIA
EM CAMPINA GRANDE (1928-1953)**

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

Orientador: Severino Cabral Filho

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

gaudencio_bruno@yahoo.com.br

Entre os círculos intelectuais informais que atuaram na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, a mais importante, sem nenhuma dúvida, foi a “Fruteira de Cristino Pimentel”. Localizado no “Beco 31”, centro da cidade, o espaço que também se tornou um bar ao longo dos anos, reuniu em seus encontros diários, os principais nomes da intelectualidade campinense durante os seus 25 anos de existência, sendo palco da formação de outros tantos lugares de sociabilidade, a exemplo do Clube Literário de Campina Grande e o Clube dos Caçadores.

Inaugurado em 1 de março de 1928, “A Fruteira” foi ao longo das décadas formulando um autêntico “cenáculo” na cidade de Campina Grande, onde intelectuais constituíram laços de amizade e no quais vários debates foram compostos sobre literatura, política, filosofia, entre outros campos dos saberes. Segundo Cristino Pimentel (2011) em 1938, “A Fruteira” se tornaria conhecida como casa de especiarias e de vendas de bebidas, mas sempre comercializando frutas, como na sua origem. Contudo, de acordo com o cronista, foi apenas em 1943 que o estabelecimento comercial tornou-se verdadeiramente a casa preferida dos intelectuais de Campina Grande. Tal preferência é muitas vezes justificada pelos hábitos boêmios destes intelectuais, como esclarece o autor de “Abrindo o Livro do Passado”: *“Ensinarão-me a fazer “Bate-bate”, uma bebida preparada com aguardente, maracujá, mel de abelha e limão. Foi o chamariz sensacional. Tornou-se o “bate-bate” o inspirador das almas – a conquista maior – e veio de um espírito simples, que eu soube aproveitar”* (p.147). O bate-bate acabou mudado de nome pouco tempo depois, passando a chamar-se “O primoroso”.

O consumo da bebida não foi o único motivo pelo sucesso do estabelecimento enquanto um círculo de intelectuais nas décadas de 1940 e 1950, mas as alusões a “questão etílica” da Fruteira, são recorrentes no imaginário dos letrados campinenses,

através de crônicas, memórias e poemas, como veremos mais abaixo durante esta narrativa.

Segundo Cristino Pimentel:

(...) intelectuais, poetas, filósofos, boêmios, professores, acorriam a “A Fruteira”. (...) Estabeleciam-se discussões em torno dos diversos campos do pensamento, sobre as variadas escolas dos poetas, do estilo delirante de Olavo Bilac, Castro Alves, Emilio de Menezes, Guerra Junqueira – sarcastas preclaros -, Martins Fontes, Guilherme de Almeida, Gilka Machado, até dos nossos vates conterrâneos como Mauro Luna, Anézio leão, Euclides Vilar, Iracema Marinho, Murilo Buarque e muitos outros daquém e dalém mar, cujos nomes as paredes do Cenáculo guardavam como divindades tutelares do espírito e da forma. (p.147)

O cronista Cristino Pimentel, procura em duas crônicas, publicadas nos livros “Abrindo o Livro do Passado” e “Mais um Mergulho na História Campinense” ressaltar a Fruteira como um lugar de exibição de luz, bem ao gosto iluminista; um “lugar sagrado”, de comunhão entre os homens da cidade preocupados com as questões do “espírito”. Um exemplo é o seguinte trecho em uma destas crônicas, publicada no segundo livro citado:

(...) desse ambiente surgiu um cenáculo, onde fazedores de boa prosa derramavam luz, muita luz, luz flamante na qual me embebia. verdadeiros duelos de inteligência. Adoráveis momentos de letras que a gente não desejava ver terminados. E aprendi. E me instruí. E me expandi, graças a esse punhado de iluminados (PIMENTEL, 2001, p.18)

Iluminados, iluminadores, iluministas, termos equivalentes, bastante utilizados nas crônicas de Cristino Pimentel para exaltar os personagens que encenavam no cenário chamado A Fruteira. Seja em qual assunto for, o autor de “Abrindo o Livro do Passado”, enfatiza inclusive o humanismo, citando muitas vezes em suas crônicas filósofos como Diderot, Rousseau, Voltaire, nomes máximos do movimento iluminista francês nos séculos XVIII.

Além de cenáculo, Cristino Pimentel constrói através de suas crônicas “A Fruteira” enquanto taberna, ou seja, evidencia em seu discurso uma denominação que conota outros significados, igualando-a um bar. Um lugar visitado pela boemia ou um reduto de pessoas simples. Expressão que contrasta com o “sagrado” pertencente à expressão “cenáculo” (denotação quase que espiritual). Portanto, temos assim duas denominações que expressam os diferentes significados atribuídos ao fundador da Fruteira, enfeixando o círculo intelectual como espaço sagrado e profano, em um sentido de ser um lugar de práticas comuns, mas ao mesmo tempo consagradas.

Mas que sujeitos chegaram a freqüentar a “Fruteira” de Cristino Pimentel durante os seus 25 anos de existência? O mentor do empreendimento cultural relata em crônica, quem eram alguns destes personagens, que deram “luz”, do ponto de vista intelectual, em especial nos últimos anos de seu funcionamento:

Na minha taberna, “A Fruteira”, em 1950, conseguiu-se entre uma diversidade de prosadores, embriagues e belo espírito, bons momentos intelectuais. Reuniam-se Cristino Pimentel, o taberneiro literário; Omega, a enciclopédia viva; José Pedrosa, o livreiro de mão cheia de luz; José Lopes de Andrade, o cronista por excelência; Zeferino Lima, a poesia escurra; Antonio Telha, o folclórico contador da prefeitura; Cunha Lima, o cronista fugido da maldade; Grimoaldo Siqueira, o hoteleiro de mãos generosas; padre Manoel Otaviano, autor de “Emboscada do Destino”; Eduardo Mai Franco, o banqueiro intelectual; Zé da Luz, o autor de “Brasil Caboclo”; Miguel Ramos, a anedota cheia de graça; “Seu” Tomás, a estrada de ferro fazendo charadas; José Jataí, o precursor da rádio-difusão em Campina Grande; Euclides Martins, a risada chiante, deixando a amostra a alma sem maldade; o Chico Asfora, o socialista inquieto; enfim, formávamos uma turma de prosadores alegres, com relâmpagos de espírito. Bebíamos, alcandorávamos as nossas almas, dando-lhes mais beleza, com o “Primoroso”, a “Boneca Branda” e a “Branquinha” extraída do vegetal que faz a fortuna da Várzea paraibana. (2001, p.73)

O quadro de intelectuais que conviveram na fruteira não se restringia a estes nomes citados e apelidados por Cristino Pimentel. Outros nomes freqüentavam o lugar, a exemplo de Luis Gomes, Antonio Telha, Zeferino Lima, Euclides Martins, Adauto Barreto, etc., e tantos outros, variando com o tempo e com as afinidades, alguns deles com perfis de “intelectuais sérios”, mas que não escondiam suas predileções pela vida boemia. A diversidade se sobressai, pelos diversos lugares sociais dos freqüentadores da fruteira/bar. São jornalistas, poetas, funcionários públicos, políticos, todos do sexo masculino, das mais diversas idades e grupos sociais.

De todos os nomes, não há dúvida que Cristino Pimentel assumia uma liderança particular. Reconhecido pela simpatia, sua fruteira/bar tornou-se seguramente um lugar especial de sociabilidades da cidade, em especial de seus intelectuais, ansiosos por socializarem seus ideais e ideias, sobremaneira por sua aguçada capacidade de comando.

Nascido em Campina Grande em 22 de julho de 1897, Cristino Pimentel faleceu em 1971. Iniciou sua vida profissional como tipógrafo do Correio de Campina. Foi comerciante, caixeiro viajante, trabalhando em diversos municípios. Estabeleceu-se em Campina Grande com *A Fruteira* no ano de 1928 e foi fundador de associações literárias, a exemplo do Clube Literário de Campina Grande, em 1947. Nas suas

próprias palavras: *“Da Fruteira surgiu o escrevinhador de artigos”* (2001, p.17). Tornou-se o cronista mais presente em Campina Grande, publicando crônicas nos mais diversos jornais e revistas da Paraíba, e algumas vezes, no Estado de Pernambuco. Publicou os seguintes livros: *Dois Poetas* (Livraria Pedrosa, 1950), *Pedaços da História da Paraíba* (Editora Teone, 1953), *Abrindo o Livro do Passado* (Editora Teone, 1956) e *Pedaços da História de Campina Grande* (Livraria Pedrosa, 1958) e *Mais um Mergulho na história Campinense* (Edições Caravela, 2001). Esta última uma obra póstuma.

Sua importância pode ser dimensionada por uma reportagem, publicada na *Revista Manaíra*, de outubro/novembro de 1948, quando o jornalista José Leite Sobrinho, amigo do cronista, afirma que: *“Não se pode conceber Campina Grande sem Cristino. Já se pode dizer ter sido um personagem mitológico, que veio criando forma, através dos tempos.”*(p.37). O grau mitológico perpassa, segundo o jornalista pela sua atuação junto a Fruteira: *“Quantas gerações de jovens não passaram pelas bancas da Fruteira do 31, bebericando o aperitivo para o almoço e ouvindo as palavras de fé ou dos poemas do dono? É como ontem dizia o nosso comum amigo José C. Pedrosa: “Cristino, você não pode, nem deve silenciar. Você é a voz de Campina. Campina fala por você”* (p.37)

Como cronista, sua obra é exaltada pelas suas qualidades estéticas, que tocam o sensível, chamando atenção até os dias atuais como sendo registros impactantes das práticas culturais, dos cenários e dos sujeitos da cidade de Campina Grande, como bem informa Virgínius da Gama e Melo (1964) em seu estudo sobre os cronistas campinenses, publicada na *Revista Campinense de Cultura*:

Dos cronistas que tiveram sempre sua vida ligada à cidade, sem dúvida, é Cristino Pimentel o mais representativo. Aliás, teria sido este, do ponto de vista mais ortodoxo da crônica, no que tem ela de popularidade e valor humano, o mais completo e mais expressivo cronista campinense, pois se Cristino escreve muitas vezes sobre as figuras mais opulentas ou mais destacadas na escala social, é inegável que o melhor dele, onde sua “pena corre mais leve”, como dizia Machado, é ao tratar do povo humilde, dos botadores de água, dos homens espirituosos, dos bêbados, dos bodegueiros antigos no seu comércio tão íntimo e tão estranho às vezes (...) (p.60)

Outro estudioso da obra do autor foi o historiador Fábio Gutemberg de Sousa (2005), que realizou até o momento, o estudo mais completo sobre a vida e a obra do cronista campinense: *“Cristino Pimentel: Cidade e Civilização em Crônicas”*, publicado em 2001. Para o historiador, as crônicas de Cristino chamam atenção do leitor por sua densidade e dimensão polêmica. Construtor e defensor de certo ideário de vida urbana,

demarcado por um cosmopolitismo e um progressismo, poderemos perceber a partir das leituras os desejos e anseios de uma modernização na cidade de Campina Grande, bem como uma representação sagrada do tempo de suas ações junto “A Fruteira”.

“A Fruteira” não foi apenas representada através do seu idealizador através de crônicas demarcadas pelo “discurso da saudade”, como o próprio Cristino cantou. Outros poetas e cronistas também procuraram criar representações sobre este círculo intelectual, evidenciando aspectos já salientados por nós anteriormente. Trazemos dois exemplos. O primeiro é uma crônica de Amaury Vasconcelos (2001). O segundo, um poema de Ronaldo Cunha Lima (2001).

Vejamos as duas referências:

A Fruteira, cadinho onde da evocação do álcool, no bate-papo, da cana pura, da cerveja aloirada, do vinho santo, do conhaque Macieira ou São João da Barra e Alcatrão, o tiro gosto de inocentes avoadoras, limões ou laranjas, e tudo boêmia de versos, frases universais de literatura, tudo no puro e no chulo, num Clube de Bolinhas, ao ritmo de gargalhadas estrídulas. Dali, no beco do 31, germinaram-se no Clube Literário de Campina Grande. (VASCONCELOS, p.08)

A Fruteira do Cristino
por contraste do destino,
não tinha frutas da terra,
mas tinha frutos do mar:
caranguejo e pitu.
Fruta mesmo, tinha a gosto:
laranja, lima e caju
(CUNHA LIMA, p.206)

Tanto em Amaury Vasconcelos (2001), quanto em Ronaldo Cunha Lima (2001), evidenciam a questão ligada à boemia literária, ao “universo etílico” presente neste círculo intelectual. Até as frutas citadas encaminham para um cenário da experiência do consumo do álcool. No caso específico do poema, percebemos a ironia mais eminente, mais forte, visto que o poeta refere-se apenas a frutas que servem como tira-gosto.

Percebe-se claramente que *A Fruteira* se coloca como um lugar de boemia na cidade de Campina Grande. Mas o que seria o significado desta boemia?

De origem francesa, que designa cigano (*bohémien*), que equivocadamente atribui à *bohemia*, atual República Tcheca, local de origem desse povo, acima de tudo, a boemia nasceu da oposição ao burguês no século XIX, numa Paris de artistas com hábitos diferenciados:

Por mais que a boemia possuía elementos constituintes universais e atemporais, como fenômeno socialmente definido e reconhecido, ela pertence à era moderna: ao mundo

edificado pela revolução francesa, pelo florescimento da indústria e pelo deslocamento da vida política e econômica para grandes áreas urbanas. Desde seu surgimento, a boemia tomou posição de antagonismo à imagem com que era comumente comparada: a vida burguesa. (OLIVEIRA, 2008, p.29/30)

De acordo com Diogo de Castro Oliveira (2008) esta dicotomia entre *boemia x burguês* realça a impossibilidade de adequação da boemia às regras burguesas no século XIX na França: “*Para a ironia boemia, ‘burguês’ era todo aquele que desfrutava de uma renda segura, que tinha uma vida confortável e estável, que ansiava por status e batia-se pelos progressos, que respeitava as tradições, normas sociais e artes convencionais*”. (p.30). Pelo que compreendemos especificamente em Campina Grande, não identificamos a experiência da boemia como uma oposição à burguesia, mas como um hábito, uma prática cultural de alguns intelectuais e/ou pessoas simples, mas preocupados em criarem regras de sociabilidade ligadas ao consumo alcoólico.

Mas qual o significado dos boêmios para a Paris do século XIX? Para Diogo de Castro Oliveira (2008) a boemia não pode ser mapeada de forma definida, porque ela de fato nunca foi uma condição objetiva, todavia prefere o autor caracterizá-los da seguinte maneira:

(...) os boêmios compartilhavam uma existência liminar baseada na recusa ou na incapacidade de aceitar uma identidade social estável e limitada. Viviam ao mesmo tempo dentro e fora da sociedade organizada. Podiam ser excêntricos, visionários, radicais em política, criminosos, rebeldes indisciplinados, rejeitados por suas famílias, temporária ou permanentemente pobres, literatos proletariados, prostitutas, enfim, a massa indefinida e desintegrada, que, para K. Marx, por trás dos gestos e fantasias, escondia a mais tacaña vilania. (p.30)

De tudo isso, o historiador chega a conclusão que foi a modernidade que possibilitou que o boêmio viesse a lume. Nesta mesma reflexão o autor procura perceber as diferenças entre boemia e boemia literária, no qual as dificuldades do historiador podem ser pensado a partir das limitações de perceber as ações da boemia:

Aqui faço a separação entre a boemia e a boemia literária por dois motivos óbvios: o primeiro é que a boemia, com seus marginais, prostitutas, conspiradores e estudantes, pode marcar uma época, mas nem sempre deixa um legado ou vestígios para a batida do historiador; segundo, como pesquisador dos fenômenos culturais, cabe-me buscar compreender e realçar o transcurso do imaginário, ou seja, o crescimento funcional do espírito no processo de conhecimento numa época de rupturas tão drásticas com o passado e com a tradição. (p.32)

No que se refere à formação de grupos boêmios, visto que, por exemplo, a boemia carioca se relacionava consideravelmente através dos cafés e restaurantes da

cidade, Diogo de Castro Oliveira (2008), salienta o sentido de um grupo no que se refere à identificação e as práticas: “(...) *o que os torna um grupo é antes um interesse, um imaginário compartilhado, uma ordem de experiências que lhes dá coesão, que personaliza o caráter de seus membros e deifica seu estar no mundo*”. (p.37). É e neste sentido que compreendermos a Fruteira, como um lugar de sociabilidade, um círculo intelectual, no qual o sentido da amizade, de pertencimento foi construído, tendo como marcas, por exemplo, o consumo de bebida alcoólica.

Na “visão etílica” de Amaury Vasconcelos (2001) e Ronaldo Cunha Lima (2001), temos a representação criada pelo jornalista José Leite Sobrinho, em uma reportagem já mencionada anteriormente:

A FRUTEIRA DE CRISTINO. Quanta mocidade não tem passado por suas portas. Quanta geração não tem ido lá, diariamente, beber o vinho da ciência, provar do elixir do Fausto. Naquelas mezinhas, mudas e frias, quantos dramas da vida não se desenrolaram. Quantas obras primas não escreveu o poeta ou o enamorado. Lá, vamos encontrar desde o democrata AGUARDENTE, ao vinho MADEIRA, passando pelo real CAVALO BRANCO; do DOCE DE MAMÃO, a GELADA DE MARACUJÁ; do POETA ao HOMEM de negócios, da SATIRA POLITICA, a ANEDOTA que diverta. Sobretudo, bila o espírito moço e folgado de Cristino animado com verve nu acalmando os estudos com sua autoridade de padre nos todos. Após, os seus fregueses, somos os seus filhinhos, como ele mesmo diz. (REVISTA MANAÍRA, 1948, p.37)

Todavia, “A Fruteira” não foi apenas um espaço atuante apenas de uma boemia literária, mas um lugar de homens humildes, trabalhadores e “vagabundos” de Campina Grande, o que salienta a presença de outra boemia, que não necessariamente passava pela experiência demarcada pelas práticas literárias. Pois a Fruteira acolhia também “um bando alegre de humildes boêmios”. Muitos deles com apelidos jocosos. Cristino se refere nestas palavras:

Assim é que tínhamos: Zé Cavalo, contador de enredos de fita de cinema, Bageiro, Chinês, Cirilo Jacaré, Leoncio, Mister Roque, Lelô, Gorila, Pequeno Relógio, Birunga, João Saborné, Gordinho, Cícero Ruim, Tempero, Canção, Rosbaque, Rasteiro e muitos outros a que o vício punha os nomes”. (2001, p.75)

Além de um lugar que possuiu um conjunto de representações que evidenciam como um espaço de boemia, de amizade, de consumo de bebidas alcoólicas, há outro aspecto em que “A Fruteira” pode se enquadrar. O de um lugar de mobilização, de confrontação política, de polêmicas lideradas pelo seu idealizador. Além dos debates acalorados dos frequentadores deste círculo intelectual, havia uma prática comum

bastante utilizada por Cristino Pimentel, o chamado “Jornal Falado”, que era “(...) composto de uma só frase, do proprietário, apregoando as “virtudes” do “bate-papo” Primoroso ou de um político e pensador de talento”. Segundo Cristino o jornal “Palavra do Dia”, era um “jornal de uma só frase, escrito a giz, de apologia ou sarcasmo aos mandantes da cidade”. O cronista cita um exemplo em uma de suas crônicas como se constituía a prática cultural:

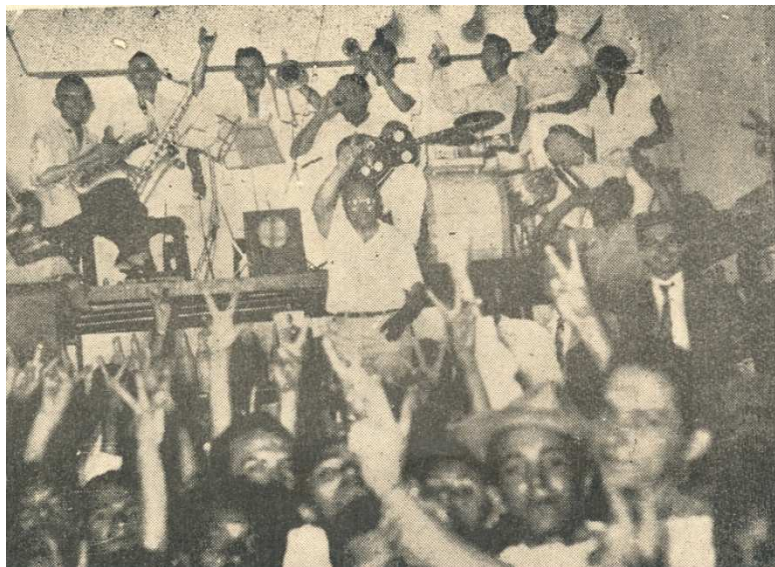
Em 1947, na campanha em que saiu prefeito da cidade o dr. Elpídio de Almeida, a “Palavra do Dia” anunciava, fazendo soar um gongo, a marcha das apurações da eleição, o que atraía para a taberna grande número de pessoas interessadas em saber qual o candidato vencedor. Houve bebedeira e prosa com fartura quando foi proclamada a derrota do senhor Veneziano Vital do Rego. Nesse dia, a “Fruteira” fartou-se, contentou-se e vibrou de alegria. Festejava a vitória de melhor contra o bom (...) (p.74)

Cansado de tantos anos de trabalho junto ao comércio, Cristino Pimentel decide fechar as portas da Fruteira de forma definitiva no ano de 1953. Todavia, sua despedida não foi realizada de maneira convencional, pois o cronista decide realizar uma ampla festa, que mobilizou um número considerável de pessoas, das mais diversas classes sociais da cidade de Campina Grande naquele ano. “Anunciei aos meus fregueses e aos meus amigos que no dia 1 de março encerraria, definitivamente, a minha carreira comercial com uma festa em que todos poderiam comer e beber de graça o estoque restante do estabelecimento. Assim aconteceu”. (1956, p.154)

Às 4 horas da tarde do dia de sábado iniciava-se a festa, tendo terminado apenas no domingo, 1º de março de 1953, às 14 horas. “Foram sacrificados perus, galinhas, frangos, para o repasto; até pebas e pombinhas torradas com toucinho, ovos de touro, bacalhau, lombinhos de fígado, quartos de carneiro e porco (...)” (p.156), escreveu Cristino, em uma de suas “crônicas da saudade”. Além disso, na ocasião, houve a apresentação da orquestra da Rádio Borborema.

O próprio Cristino Pimentel publicou no seu livro “Abrindo o Livro do Passado”, dois registros fotográficos da ocasião da despedida da “Fruteira”, ocorrida no dia 1 de Março, que podem ser considerados como marcas ou indícios de práticas sociais específicas deste círculo intelectual. Uma fotografia traz o ângulo externo e outra registra o ângulo interno.

Vejamos o primeiro registro:



A foto traz três planos. No primeiro temos diversos populares, notadamente homens, de diversas idades, raças e classes sociais, com suas mãos levantadas em forma de “v”, que representam a primeira vista, com gesto de simpatia e reciprocidade, além de vitória. Em um segundo plano temos no centro da fotografia, Cristino Pimentel, afastado do fotógrafo, porém em um lugar de destaque, com gestos semelhantes aos outros personagens. Num terceiro plano, próximo a Cristino, temos a Orquestra da Radio Borborema, constituído por homens com seus instrumentos musicais.

Um primeiro aspecto a tratar da fotografia é a descontração, expressado nos rostos de praticamente todos os sujeitos captados pelo fotógrafo. Apesar da descontração, pelos indícios, a foto parece à primeira vista planejada, mesmo caracterizado pela espontaneidade dos gestos dos personagens.

Temos a segunda fotografia, trazendo agora um registro da parte externa de A Fruteira:



Nesta segunda fotografia temos o perfil dos personagens que estiveram presentes na festa de despedida da Fruteira. No primeiro plano temos cerca de duas dezenas de homens, vestidos de maneira simples, jovens e velhos. Alguns poucos levantam as mãos, gesticulando um “v” (semelhante à primeira fotografia). Em um segundo plano, temos o quadro da entrada principal da Fruteira, com seus traços arquitetônicos simples, e bem no centro uma placa com o nome: A Fruteira, tendo do lado: Fundado em 1 de Março de 1928.

Um aspecto que chama muita atenção de toda esta festa de despedida foi a produção de uma Ata de Encerramento da Fruteira, produzida por alguns dos freqüentadores do estabelecimento, e que traz como marca, uma sátira dos emblemas e gestos deste círculo intelectual informal, que demarcam certas práticas boemias na cidade. O texto foi produzido enquanto uma estratégia lúdica. Vejamos o documento:

ATA DE ENCERRAMENTO

A 1º de março do ano da graça de 1953, primeiro dia o horário velho, e em que se completa 25 anos de “a Fruteira”; os comandos sanitários, desta e de outras terras, presentes o dia cuja, resolveram não considerar os protestos do senhores pais e filhos, de senhores de engenho e solidários com o “fruteiro-mor” Cristino Pimentel, encerraram as atividades “pedicaníferas”, em virtude do que as seguintes determinações:

1º - Acabar com o estoque, porque de graça beber é melhor que pagando;

2º - Lacrar a registradora para que alguém bem intencionado não se deixe tornar “pagão”;

3º - Convocar os carros da Polícia para entrega ao domicílio, acompanhado de uma comissão para que, solidariamente, apanhará da cara metade do “decujos”, para que ele não apanhe sozinho;

4º - Determinar o máximo rigor na observância dos deveres sociais, não devendo de forma alguma alguém deixar para outro o que ainda possa servir para si;

5º - Dispor tudo de tal maneira de que o Cristino não tenha que vender, no dia seguinte;

6º - Compromisso solene, de não responsabilizar ao “fruteiro-mor” por qualquer intoxicação que alguém venha a sofrer, por maior ou menor quantidade ingerida.

E, por estarem conformes, subscrevem esta ata de encerramento das atividades comerciais de “A Fruteira” com votos vencidos do Sindato os Pés de Cana. Campina Grande, 1-3-1953 (PIMETEL, 2011, p.155-156)

Estão presentes no documento, traços evidentes das práticas boemias. Assinaram a ata, 150 frequentadores do estabelecimento, alguns deles intelectuais, que presenciaram a importância deste círculo, a exemplo de: Virginius da Gama e Melo (na época um jovem jornalista e amantes das letras), Adabel Rocha, Egidio de Oliveira Lima, Epitácio Soares, etc. Além da ata, houve ainda espaço para produções de glosas, bem a moda da época, como a produzida pelo poeta Severino de Branco, dedicada à Fruteira:

Mote
Sempre existiu alegria
N’A Fruteira de Cristino.

Glosa
Um centro de boemia
Cheio de grande fulgor,
Sempre houve bom humor,
Sempre existiu alegria
O plebeu e o granfino
E o dr. Zeferino
Com sua franca bondade
Formando sociedade
N’A Fruteira de Cristino.

Desta forma, concluímos que a Fruteira de Cristino Pimentel foi um círculo intelectual demarcado pela experiência boemia de seus frequentadores. Intelectuais, que entrelaçados pela amizade criaram o hábito do encontro informal, regado ao consumo de bebidas alcoólicas, e que tiveram na figura de Cristino, “o cronista da cidade”, uma espécie de líder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LIMA, Ronaldo Cunha. *Roteiro Sentimental: fragmentos humanos e urbanos de Campina Grande*. João Pessoa: GRAFSET, 2001.
- MELO, Vírginius de Gama e. Cronistas de Campina. In: *Revista Campinense de Cultura*. Ano 1, nº 2, dezembro de 1964. p.59-61.
- OLIVEIRA, Diogo de Castro. *Onosarquistas e Patafísicos: A boemia literária no Rio de Janeiro fin-de-siécle*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- PIMENTEL, Cristino. *Pedaços da História da Paraíba*. João Pessoa: Teone, 1953.
- PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o Livro do Passado*. Campina Grande: EDUFCEG, 2011.
- PIMENTEL, Cristino. *Dois Poetas*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1950.
- PIMENTEL, Cristino. *Mais um Mergulho na História Campinense*. Campina Grande: Edições Caravela, 2001.
- PIMENTEL, Cristino. *Pedaços da História de Campina Grande*. Campina Grande, Livraria Pedrosa, 1956.
- VASCONCELOS, Amaury. Resgate de uma pérola. IN: PIMENTEL, Cristino. *Mais um Mergulho na História Campinense*. Campina Grande: Edições Caravela, 2001.
- SOBRINHO, José Leite. Cristino Pimentel. In: *Revista Manaíra*. Campina Grande, outubro/novembro de 1948.
- SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. Cristino Pimentel: cidade e civilização em crônicas. In: DO Ó, Alarcon Agra et alli. *A Paraíba no Império e na República. Estudos de História Social e Cultural*. João Pessoa: Ideia, 2005.